

Matrinchã do Teles Pires: um passeio entre a história e a ficção na literatura de Luiz Renato

Matrinchã do Teles Pires: a walk between history and fiction in Luiz Renato's literature

Rosane Gallert Bet

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras) pela Universidade do Estado de Mato Grosso, *Câmpus* Universitário de Sinop - MT.

Henrique Roriz Aarestrup Alves

Professor Doutor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT),
Câmpus Universitário de Sinop.

Resumo: O presente trabalho pretende analisar o romance *Matrinchã do Teles Pires*, do escritor Luiz Renato de Souza Pinto, publicado em 1998. Esse estudo tem como viés fundamental a metaficção historiográfica, tendo em vista a representação e reconfiguração de importantes eventos históricos relativos aos processos de migração e colonização da região norte do estado de Mato Grosso durante o regime militar, de acordo com o projeto de ocupação de fronteiras, aspirado ainda no Estado Novo. A história dos migrantes sulistas que colonizaram a região norte de Mato Grosso é revisitada por meio das analepses de memória, permitindo novos olhares a partir da representação das personagens que, no ir e vir do tempo e do espaço, emolduram a narrativa. A busca pela terra prometida na narrativa ficcional representa a trajetória de cada brasileiro que, no processo de migração e errância, contribuiu para escrever a história do estado e do Brasil.

Palavras-chave: Romance. Literatura contemporânea. Metaficção historiográfica.

Abstract: *The present work intends to analyze the novel Matrinchã do Teles Pires, by writer Luiz Renato de Souza Pinto, published in 1998. This study has as its fundamental bias the historiographic metafiction, in view of the representation and reconfiguration of important historical events related to migration processes and colonization of the northern region of the state of Mato Grosso during the military regime, according to the frontier occupation project, still aspired in the Estado Novo. The history of southern migrants who colonized the northern region of Mato Grosso is revisited through memory analysis, allowing new perspectives from the representation of the characters who, in the coming and going of time and space, frame the narrative. The search for the promised land in the fictional narrative represents the trajectory of each Brazilian who, in the process of migration and wandering, contributed to writing the history of the state and Brazil.*

Keywords: *Romance. Contemporary literature. Historiographical metafiction.*

O artigo em questão refere-se às possibilidades de interação entre literatura e história, observando como os conceitos de ambas podem dialogar e construir uma narrativa, perpassando pelos limites entre a literatura regional e universal. A partir de um estudo historiográfico, o autor de *Matrinchã do Teles Pires*, Luiz Renato de Souza Pinto, apresenta uma obra que mescla conteúdos míticos e históricos na construção do percurso de suas personagens que, no ir e vir do presente ao passado, constroem sua história particular e a história do país. Nesse sentido, buscar-se-ia ressaltar como os elementos regionais incorporam os da literatura universal ao deslocar vozes da periferia e do centro, tendo em vista que a narrativa se volta para os excluídos da história e seus movimentos de migração, o que envolve o jogo entre factual e ficcional. A temática da peregrinação e da errância, que implica em constante busca de lugares no mundo e em si mesmo, emoldura as relações sociais na narrativa, questionando-as. Ao incorporar os elementos regionais e narrar os dramas dos colonos, dos migrantes, dos indígenas e da própria floresta, a narrativa aproxima-se da realidade brasileira, pois representa os projetos da elite econômica dominante do país para a expansão do capital a qualquer custo. Nesse processo, acontecimentos oficiais e personagens históricas são revistos, na medida em que entram em cena na narrativa representantes de grupos de excluídos socialmente e seus percursos migratórios, recontando, assim, a história da região pelo viés ficcional. Dessa maneira, a metaficção historiográfica promoveria uma cisão na versão histórica oficial da ocupação do Estado de Mato Grosso ao evidenciar suas contradições presentes nos atos de violências várias contra representantes de grupos sociais mais fracos e vulneráveis, além de desmistificar a imagem tida como heroica de colonos pioneiros e da própria região como se fosse um paraíso na terra.

Matrinchã do Teles Pires traz como pano de fundo as correntes migratórias do sul do Brasil que ocuparam o norte do estado de Mato Grosso. Seu autor, Luiz Renato de Souza Pinto, importante voz da literatura produzida em Mato Grosso, transita com facilidade entre o factual e o ficcional, entre a história e a literatura. Além de escritor é poeta, professor, pesquisador e ator. É graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Mestrado em História pela mesma universidade, e Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) de São José do Rio Preto. É professor efetivo do Instituto Federal de Mato Grosso, no *Campus* Octaíde Jorge da Silva de Cuiabá – MT. Como escritor, destaca-se a publicação de *Matrinchã do Teles Pires* em 1998 e posteriormente a segunda edição em 2019. Também publicou os romances *Flor do Ingá* (2014) e *Xibiu* (2018), fechando a trilogia iniciada com *Matrinchã do Teles Pires* em que abordam os processos migratórios no interior do Brasil. É autor da obra *Cardápio Poético* (1993), do livro de crônicas escrito em parceria com Carlos Barros, *duplo sentido* (2016) e do livro de poemas *Gênero, número, graal* (2017). Publicou a obra *Estudos de Literatura: diálogos, perspectivas e tendências* (2015); participou como autor da publicação de *Nossas Vozes, Nosso chão: antologia poética comentada* (2015) e da publicação de *Nossas Vozes, Nosso chão: extrativismo lírico* (2018). Além dos livros, tem publicado vários capítulos de livros, textos em jornais de notícias e revistas, sem contar os inúmeros trabalhos publicados em anais de eventos e congressos no

decorrer de sua vida profissional. Sua literatura contribui para uma compreensão crítica do processo histórico do estado de Mato Grosso por meio de um resgate de elementos reais incorporados pela ficção. De acordo com Luzia Aparecida Oliva dos Santos, a obra “emoldura o ângulo de visão de um historiador-escritor frente ao movimento da migração dos povos da região sul do país, em direção à escalada do mapa brasileiro em busca da terra prometida” (SANTOS, 2002: 10-11). Nesse sentido, a relação intrínseca entre literatura e história, característica da obra, é registrada no índice para catálogo sistemático, que se encontra na página 02 da primeira edição, logo abaixo da ficha catalográfica. Pode-se observar o registro da obra como Mato Grosso – História. Desta forma, ao se fazer buscas pela obra na biblioteca, pode-se encontrá-la nas prateleiras destinadas aos livros de História de Mato Grosso. Na segunda edição, essa confusão é solucionada, apresentando-se a obra como literária.

Esta confusão no seu registro traz à tona uma discussão entre literatura e história que vem acontecendo desde os anos de 1970 em que se procura pautar o tipo específico de narrativa que se caracteriza como uma ou outra. Assim sendo, consideram-se as reflexões de Sandra Jatthy Pesavento, que afirma que, para a

criação da narrativa histórica, trata-se de recuperar aquele “país estranho”, da passeidade, resgatando aquilo que um dia teria ocorrido. Para acessar esse tempo já transcorrido, o historiador precisa se valer de representações da época, que “documentam o real”, sejam elas de escritores, de poetas, de arquitetos ou mesmo de historiadores de então... (PESAVENTO, 2002: 11).

O historiador precisa transformar a variada oferta de textos e indícios em documentos que comprovem a veracidade dos fatos. A literatura pode ser um instrumento a mais que contribui para a interpretação do vivido. As duas narrativas, tanto a histórica quanto a literária, são representações e interpretações da realidade. De forma semelhante, “o historiador busca recriar o que teria se passado um dia, e o escritor de literatura, cria um enredo que poderia também ter ocorrido” (PESAVENTO, 2002: 13). A abordagem histórica de *Matrinchã do Teles Pires* realiza um trabalho estético em que os elementos históricos são ficcionalizados, ou seja, tudo se transforma em ficção de forma a gerar novos significados capazes de redimensionar fatos históricos e a própria realidade, de modo mais geral.

O título da obra faz menção, por si só, à localização onde se passa a trama, tendo em vista que o peixe matrinxã é típico da fauna aquática amazônica. A obra situa-se temporalmente nos anos 70 durante o período de regime militar, e mostra o impulso dado pela política governamental à ocupação da Amazônia. Dessa forma, a região norte-mato-grossense é ocupada por sulistas que buscam melhores condições de vida, riqueza e abundância financeira. Nesse cenário desenrola-se a narrativa através dos encontros e desencontros de um caminhoneiro e de um andarilho, tendo como pano de fundo a cidade fictícia de Matrinchã do Teles Pires, localizada entre Sorriso e Sinop, com todo o cenário político, social e cultural da época. Estes dois personagens, sem paradeiro e sem pertencer a um local determinado, levam o leitor a conhecer e questionar os aspectos históricos da época através de *flashes* de memória, num constante ir e vir, do

presente ao passado e vice-versa, numa narrativa intensa, de cortes ágeis que vão construindo os episódios a partir da transfiguração do real em imaginário. Assim, a narrativa rápida, composta de várias referências históricas, leva a ampliar as possibilidades de sentido.

Valendo-se de conhecimentos históricos, a narrativa apresenta estruturas textuais literárias, além de um conjunto de procedimentos estéticos que lhe asseguram o caráter ficcional, como enredo, espaço, tempo, ação, narrador e personagens que, no decorrer da narrativa, vão desconstruindo a história oficial através da crítica e da ironia. De acordo com Aguiar e Silva (2007: 15), “os textos literários possuem características estruturais peculiares que os diferenciam inequivocamente dos textos não literários, daí procedendo a viabilidade e a legitimidade de uma definição referencial de literatura”. Porém, ambos podem ser considerados narrativas, aproximando-se, ao mesmo tempo em que possuem características próprias. Busca-se, assim, compreender como os aspectos históricos constituem-se elementos importantes para o projeto literário na construção da obra, além de pensar na constituição identitária mato-grossense como uma presença histórica realizada por um sujeito performático que, segundo Bhabha (2013: 240), desestabiliza “o significado do povo como homogêneo”. Através do retorno ao passado proporcionado pela literatura de Luiz Renato, é possível reconstruir o sentido do presente através de uma reflexão que a contemporaneidade instiga.

Além de compreender os limites e relações entre a literatura e a história, aprofundar-se em uma obra produzida no estado de Mato Grosso permite valorizar a riqueza da diversidade cultural que forma o estado através dos processos migratórios, principalmente na região norte, onde se passa a narrativa. Nesse sentido, a obra recria, através da literatura, os bens culturais e a identidade daqueles que chegaram a este Estado e contribuíram para a construção de sua história.

A história de colonização do norte do Mato Grosso representada de forma ficcional reconfigura a consciência cultural dos migrantes sulistas que, em outro espaço, precisam (re) construir sua identidade. No trecho a seguir, pode-se observar o costume trazido da região sul do país de tomar o chimarrão, mesmo sendo o Mato Grosso uma região de muito calor, demonstrando a tentativa de manter viva a cultura e a tradição sulista, numa forma de manutenção da identidade do lugar de origem. Também permite ao leitor transportar-se da cidade fictícia de *Matrinchã do Teles Pires* para a cidade de Santa Cruz, no Rio Grande do Sul, através do retorno pela memória da personagem. Por meio destas lembranças, há um questionamento sobre o contrabando de madeira realizado na época. Desta forma, o desmatamento, o capital e a morte simbólica são questionados através dos elementos estéticos de uma escrita que une história e ficção, além de marcar o trânsito cultural ocorrido com as migrações:

- O moço me acompanha num mate?

À entrada do escritório era comum, no final da tarde, uma mateada entre os funcionários da administração. Ficavam por ali esperando as moças que iam, no vaivém do trabalho para casa e depois para a escola, cevando uma conversa frouxa e fiada. Curioso para conhecer de tudo um pouco, seu José...

- João!

... se chegou para mais um dedo de prosa. Rapidamente passou-lhe pela cabeça uma das histórias do pai sobre a Coluna Prestes, que deu nome à cidade que expurgou seu Francisco. As matas eram extensas e, por terem grande valor econômico, foram devastadas. A madeira era transportada em grandes balsas que desciam o rio Uruguai em direção à fronteira, terra dos farinheiros. O dito rio nasce da junção do Canoas e do Pelotas, no leste do Estado; vem descendo, descendo, dividindo o Rio Grande de Santa Catarina, cortando em dois pedaços aquele pedaço de chão. O contrabando era de toda sorte. Talvez esse homem já fosse de família de madeireiros do sul. (PINTO, 1998: 30).

Assim como no trecho acima, as memórias das personagens, principalmente do andarilho Eleutério e do caminhoneiro Getúlio, são elos de ligação com o passado, trazendo para a narrativa a reconfiguração de eventos e personagens históricos, como Getúlio Vargas, o Estado Novo e a ocupação norte-mato-grossense. Esse processo integra o caráter de metaficção historiográfica da narrativa, o que possibilita novas ressignificações, tanto do passado quanto do presente situado na contemporaneidade. O autor mistura elementos reais aos ficcionais, transformando tudo em ficção, redimensionando o percurso histórico das personagens que saíram da região sul do país em direção ao norte do estado de Mato Grosso, na região Centro-Oeste. A utilização de expressões que permitem dupla interpretação de sentido resgata a história e presentifica o passado, como ocorre no excerto em que transporta para 1979, durante a época das chuvas na floresta amazônica, o período colonial por meio das entradas:

Nessa época do ano, a chuva é quem colore a paisagem. De outubro a março é aguaceiro...

- Todo santo dia.

Lá fora, a algazarra toma conta do povo. É ano novo. Começam o vindouro atolados na estrada barrenta; invadiu a selva sem pedir licença. Faíscas rebrilheziam.

- Feliz 1979.

Todos comemoravam as entradas. Ouviam-se, entre urros e vivas, o espocar de champanhes, na verdade, sidras da pior espécie.

Filas de caminhões enfiados na lama, compunham a paisagem silvestre do banhado. Uma fina garoa caía sobre a noite fria do Mato Grosso [...] (PINTO, 1998: 9).

Lukács (1965: 72) afirma que: “no romance a intenção, a ética, é visível na configuração de cada detalhe e constitui, portanto, em seu conteúdo mais concreto, um elemento estrutural eficaz da própria composição literária”. É nesse sentido que a obra literária apresenta peculiaridades redimensionadoras da própria realidade, assim como daquela feita de linguagem, o que pode ser aplicado ao próprio discurso histórico quando apropriado pelo texto literário. A história aparece em fragmentos que são agregados em duplo sentido, como em “Todos comemoravam as entradas”. A expressão apresenta uma duplicidade de sentido, e pode estar se referindo tanto à comemoração do ano novo quanto às expedições oficiais do Brasil Colônia que saíam do litoral para o interior do país com a finalidade de mapear as terras e viabilizar sua colonização. Essa relação das entradas com o projeto de ocupação do interior de Mato Grosso

na década de 70 representada pela narrativa vem atentar para uma repetição, de certa forma, da história, pois assim como ocorreu nas entradas durante o período colonial, a ocupação do norte de Mato Grosso deu-se para expandir as fronteiras e garantir o território, bem como combater quem se opusesse à política de colonização. Essa ambiguidade de sentido é explorada na obra, ajudando a compor seu caráter literário que permite a liberdade criativa, diferentemente de um discurso não-artístico, que requer tentativa de precisão de significados.

O processo de colonização da região norte do estado pode ser percebido na narrativa através dos relatos que apresentam as dificuldades de personagens que viveram nesta região desde o início da colonização. A história oficialmente contada em que o progresso atingia a todos os migrantes que para esta região se dirigiram é contestada por personagens de baixa relevância social na narrativa, como o professor Pedro. Como num ajuste de contas, o excluído tem sua voz ouvida e pode questionar o discurso do colonizador:

Ao ouvir o discurso do Comendador, Pedro vê claramente a doutrina colonizadora, estampada a olho nu.

Aquela gente é uma sociedade dominada, passiva. Uma massa amorfa cujas mentes são lavadas por relações econômicas aviltantes e comunicações direcionadas. Pensava em ver uma sociedade liberta, criatividade repousando em cada ser. Autogestão e representação popular, efetiva. Fim dos monopólios e oligarquias. Não achava aquilo utópico. Talvez fosse o caminho para acabar com a pobreza e vencer a miséria (PINTO, 1998: 60).

Tornar problemática a natureza da narrativa é uma das temáticas da literatura da contemporaneidade, questionando as verdades absolutas através de um relacionamento conflituoso com a dita cultura dominante. De acordo com Hutcheon (1991: 24), “a habitual separação entre arte e vida (ou imaginação e ordem humanas versus caos e desordem) já não é válida.” Então, a literatura contemporânea questiona as certezas, as instituições passaram a ser submetidas à investigação e “as convenções fictícias ou ilusionistas da arte são reveladas com o objetivo de desafiar as instituições nas quais encontram abrigo” (HUTCHEON, 1991: 26).

A obra evidencia as relações de poder, os modos de produção e as esferas políticas e sociais que se organizam em torno de um novo projeto de colonização e ocupação de terras. Nesse sentido, Alfredo Bosi (1992: 12) afirma que: “as tensões internas que se dão em uma determinada formação social resolvem-se, quando possível, em movimentos para fora dela enquanto desejo, busca e conquista de terras e povos colonizáveis.” A colonização norte-mato-grossense representada em *Matrinchã do Teles Pires* (1998), que teve seu ponto de partida com a marcha para o Oeste ainda na era Vargas, pode se caracterizar como uma tentativa de resolução dos conflitos de terras no estado do Paraná. Então, a ocupação da Amazônia não seria apenas um processo migratório, mas a resolução de carências e conflitos, e ainda, de acordo com Bosi, caracteriza-se como uma “tentativa de retomar, sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório” (BOSI, 1992: 13).

Matrinchã do Teles Pires aborda a questão das políticas de ocupação e distribuição de terras brasileiras, bem como paraguaias, já que a estrutura agrícola nos últimos quarenta anos passou por uma grande mudança, principalmente na região sul. Estas mudanças “foram provocadas pela expansão da cultura da soja no sul do Brasil; pelas crises sucessivas que a lavoura cafeeira veio sofrendo no norte do Paraná; pelas obras de Itaipu e pela própria expansão da fronteira” (OLIVEIRA, 1994: 71). Neste processo, muitos trabalhadores rurais e empregados assalariados ficaram sem emprego e ocupação, pois “camponeses acabaram expropriados ou pressionados economicamente para venderem suas terras” (OLIVEIRA, 1994: 71). Assim, numa tentativa de resolver a questão agrária instalada no Paraná e Paraguai, em que muitos colonos buscavam um pedaço de chão, a colonização da Amazônia foi uma saída para a crise da terra já instalada naquelas regiões. Essa política agrária (divulgada pelos meios de comunicação da época, principalmente o rádio) também se fez presente através da voz do locutor que em espanhol, língua do país vizinho, aclamava as ações do governo e estimulava os processos migratórios, o que contribuiria para amenizar as crises e descontentamentos no sul do Brasil:

- Las chacras son originalmente pedazos de monte alto y en el momento de la colonización eran principalmente tierras con abundante vegetación silvestre.

O locutor louvava a política de colonização paraguaia e a ação brasileira no movimento sem-terra binacional (PINTO, 1998: 26).

A sensação de verossimilhança provocada pela mudança de fala do narrador para o locutor da rádio é intensificada pelo retorno da história na narrativa ficcional, pois esta reorganiza a sua leitura problematizando os fatos. Para garantir a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, milhares de pessoas, incluindo brasileiros e paraguaios, foram desalojados. O locutor louvava as ações do governo; no entanto, o processo de migração foi a única alternativa que restou para os agricultores daquela região do Paraná. Muitos deles emigraram para o Paraguai ou foram assentados em diversos estados brasileiros.

Leite (2015: 92) afirma que “Mato Grosso constitui-se de fluxos migratórios de várias procedências e temporalidades. Espaços e tempos diferentes. Partes do todo que foram sendo colonizadas em alguns casos, invadidas em outros.” Caracterizado como um estado geograficamente distante, separado do mundo civilizado e do Brasil evoluído, pode ser visto de forma ambígua, como um local ainda selvagem, o sertão, ou como fronteira da pátria, de forma a delimitar o espaço do outro, definindo a ideia de pertencimento à determinada cultura, o que contribui para a nacionalidade brasileira e sua identidade cultural. A ocupação da fronteira amazônica aparece na descrição em que o narrador muda o ângulo de focalização. Através de uma imagem aérea, pode-se observar as características da floresta no interior do estado:

-Êh, viva! – Assobios zuniam pelo ar espesso. No céu azul, avistava-se o vôo pausado e tranquilo de pequenos aviões, gafanhotos de asas; táxis aéreos, que nessa época eram o melhor meio de transporte no Eldorado. Um bando de pássaros batia em revoada, temendo o invasor de seu espaço. A visão de cima era privilegiada. A mata verde e grande, estradas sendo engolidas pelas

línguas de água transbordantes que abriam fendas (PINTO, 1998: 12).

A narrativa recria aspectos característicos da região norte do Mato Grosso, contribuindo para marcar a literatura produzida no estado com elementos regionais, além de questionar o modelo desenvolvimentista imposto pelo regime militar, pois “quando o crescimento é tomado como um fim, os outros valores ou são descartados ou lhe são subordinados” (BOSI, 1992: 373). Desta maneira, é a voz da periferia que confronta com o centro. É a voz da narrativa construída no interior do estado que irradia seu pensamento para o que podemos chamar de universal, pois a exploração, o culto ao capital, as desigualdades sociais, a exploração ambiental indiscriminada e a estrutura fundiária injusta são temas de relevância ampla que extrapolam os níveis locais ou regionais, num discurso que visa “a transformação da sociedade recorrendo a discursos originados em outros contextos, mas forrados de argumentos universais” (BOSI, 1992: 382).

Nesse jogo de sentidos criados e recriados, a narrativa faz conhecer os aspectos regionais, culturais e identitários da região norte mato-grossense, insere-os na literatura nacional, legitimando a literatura produzida em Mato Grosso por meio de uma narrativa que busca quebrar as definições de fronteira. Assim, a literatura brasileira é formada também pela literatura da periferia que representa a expressão de um povo mesclado por diversas raças e culturas que marcam sua identidade. Levando em consideração aqui os conceitos de Stuart Hall (2006: 8), que afirma que as “identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas”, a obra discute, além das mudanças sociais, as mudanças das identidades pessoais, caracterizadas por uma perda de sentido de si. Desse modo, Hall (2006: 9) afirma que “a descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.” Assim sendo, a narrativa percorre a história para discutir a busca do sentido das ações não apenas das personagens como também dos migrantes que formam a população local.

Em *Matrinchã do Teles Pires* (1998) é possível apropriar-se de acontecimentos e personagens históricos, bem como refletir e questionar seus feitos. De acordo com Hutcheon (1991: 22), ao refletir sobre a literatura mais recente em *Poética do Pós Modernismo*, a “autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (metaficção historiográfica) passa ser a base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado.” O discurso oficial, que tende a apresentar a ocupação das terras da região norte do estado de Mato Grosso como uma garantia de conquista de bem-estar social e sucesso financeiro para todos que se aventurassem a desbravar a região, é desconstruído logo no primeiro capítulo. O percurso para alcançar a terra prometida através da BR 163, única via de acesso à região, apresentava-se praticamente intransitável. Antes mesmo de chegar ao destino, os aventureiros precisariam vencer os atoleiros e dificuldades que a falta de estrutura impunha: “Em certos trechos da estrada, a lama atinge quase um metro de altura” (PINTO, 1998: 10). Quem vencias as dificuldades do percurso não tinha garantia do sucesso e bonança esperados, a exemplo da família de migrantes que continuava a busca para encontrar o seu lugar ao sol em Mato Grosso:

“Vinhã de Maringá e, cansados de tentar a vida em Sinop, infelizes no trato com a terra, foram para Cuiabá” (PINTO, 1998: 11).

Tendo como base o conhecimento científico, ou seja, histórico, *Matrinchã do Teles Pires* (1998) estabelece questionamentos críticos através da autonomia da linguagem que só a arte permite. Essa autonomia de linguagem se expressa, por exemplo, na página 31, em que trocadilhos são usados para realizar críticas ao desmatamento indiscriminado, prática comum na região que teve como base econômica a extração e industrialização da madeira: “[...] Depois virariam cômodas, guarda-roupas e gaveteiros; criados-mudos que jamais abririam a boca para reclamar do abate” (PINTO, 1998: 31).

A modificação do espaço da floresta para a implantação dos núcleos urbanos na nova fronteira baseava-se, além da extração da madeira, na prática de queimadas para abertura de fazendas ou expansão das vilas e cidades, sem nenhum pudor com a destruição ambiental. Mais uma vez utilizando-se da liberdade que a linguagem literária permite, a obra resgata a mitologia para questionar as ações humanas referentes às práticas de domínio sobre a natureza: “Cada pássaro que voava sobre a coivara parecia a centenária fênix, ao lado de serpentes rasteiras fugindo da destemperança” (PINTO, 1998: 25). Como a fênix da mitologia, os pássaros, que podem estar representando metonimicamente toda a natureza, precisavam ressurgir das cinzas com uma força extraordinária para vencer a morte que as queimadas das florestas impunham, numa luta em que a vida procura triunfar sobre a morte. Nesse sentido, concorda-se com Barthes quando afirma que nenhuma linguagem é inocente, mas é ao praticar o que se poderia chamar de “linguagem integral” que a literatura é revolucionária, pois consegue abordar todos os temas da linguagem científica de forma a causar prazer e ao mesmo tempo questionar as ações humanas e históricas.

A verdade que se conta no discurso histórico científico, segundo Hutcheon (1991: 257), é um “constructo e não algo previamente existente, e, além disso, um constructo que exerce uma relação de poder em nossa cultura”. Então, utilizando-se da liberdade de construção narrativa, destaca-se o trecho em que a cidade de *Matrinchã do Teles Pires* é apresentada. Junto com a apresentação, o narrador evidencia o desmatamento e os massacres indígenas que ocorreram para que o projeto de ocupação da região pudesse ter êxito. Tomou-se como exemplo os índios Kreen-aka-rore, que com a abertura da BR 163 e a ocupação da região que compreende hoje os municípios de Terra Nova, Peixoto de Azevedo, Matupá, Nova Guarita e Guarantã do Norte foram praticamente dizimados. Os poucos habitantes nativos que restaram foram silenciados e involuntariamente transferidos para o Parque Nacional do Xingu por uma ação governamental. Desta forma, a obra traz para a literatura a história reconfigurada por um discurso performático, pois mostra elementos factuais que foram convenientemente apagados ou esquecidos pela história oficial, principalmente quando ela exalta o dito heroísmo dos desbravadores e silencia as vozes de minorias. Assim, a narrativa ficcional desloca e dessacraliza a factual ao questionar a sua pretensão de legitimidade única, ou seja, abre-se espaço para que outras interpretações dos elementos históricos, como faz o próprio texto literário, apresentem-se como narrativas viáveis

e dignas de crédito, permitindo reconfigurações da história tanto local quanto nacional. Nesse processo, evidenciam-se as contradições e a inexorabilidade do projeto de implementação do dito progresso e desenvolvimento da região, na medida em que ocupa com voracidade seus espaços, buscando eliminar o que consideram obstáculos:

Matrinchã, às margens do Teles Pires. É uma cidade pequena; fundada a seis de setembro de 1974, mas que em pouco tempo apresentou vertiginoso crescimento. Impressionante, se computarmos a taxa de desmatamento, da ordem de quinhentos por cento ao ano. Massacres indígenas marcaram a abertura da estrada (PINTO, 1998: 28).

A narrativa possibilita a releitura da história através dos acontecimentos e das personagens que são trazidos de forma problematizada, contrariando os textos da história local e nacional que foram produzidos sob a vigilância para garantir uma verdade a ser divulgada conforme os interesses do poder. Em vários livros de História do Brasil não se encontram relatos dos que foram convocados a participar da marcha, apenas a proposta do governo como uma atitude louvável. Dessa forma, é transmitida a imagem de um governo preocupado com o bem-estar do povo, aumentando sua popularidade.

Assim, os vestígios do passado de colonização da região norte de Mato Grosso, bem como fragmentos da história nacional, como as políticas de ocupação da Amazônia, além de personagens históricos importantes como Getúlio Vargas e Luís Carlos Prestes, que são descritos no discurso historiográfico através de citações de fontes e referências, também são encontrados no romance através de reminiscências que envolvem os diálogos entre as personagens. Na conversa entre Eleutério e o madeireiro Francisco Schmidt “rapidamente passou-lhe pela cabeça uma das histórias do pai sobre a Coluna Prestes, que deu nome à cidade que expurgou seu Francisco” (PINTO, 1998: 30).

A Coluna Prestes foi trazida ao texto pelo recurso da memória, podendo ser considerada como uma das possíveis versões da história sobre a Coluna, já que contada pelo pai de Eleutério, e não por uma fonte oficial. Luiz Carlos Prestes, líder de um movimento contra as oligarquias, é considerado comunista pelos textos oficiais. Em situação oposta, Getúlio Vargas busca reprimir os ditos comunistas para garantir sua permanência no poder. A Coluna Prestes, então, pode representar a voz dos que estão descontentes com o poder. De forma semelhante à Coluna, os descontentes de Matrinchã, aqueles que se sentiram enganados pelo discurso de terra fértil, também buscavam reivindicar seus direitos:

- Companheirada; nós hoje estamos aqui pra dar um recado pra esses homens lá de Brasília. O movimento tá crescendo, companheiros; faz muito tempo que a gente tá nessa luta. Quantos de vocês vieram pra cá iludidos com a terra boa e barata? – Vários trabalhadores se manifestaram, levantaram o braço direito; em seus rostos, um desconsolo cobria os traços mais simples.
- Quando chegam aqui, companheiros, muitos encontraram uma terra boa; que deu colheita boa por um, dois anos. Mas a maioria de vocês tá instalada em lotes que é só areia, gente. Uma terra que num dá nem mandioca, quanto mais um feijão, um arroz. Quanto é que a Cooperativa empurrô de adubo pra vocês esse mês? Quanto é que tá custando a cesta-base? (PINTO, 1998: 49).

A narrativa recria a realidade local, dando voz aos excluídos da história oficial, já que esta não foi construída apenas por aqueles que alcançaram a ascensão econômica e social, embora sejam apenas estes que aparecem nos relatos oficiais.

No sentido da representação histórica, o discurso utilizado não é apenas para atender a um objetivo ideológico, mas também para satisfazer a algum público em específico. Então, no caso desse romance, a literatura difere do discurso historiográfico no sentido de que esse último está mais preocupado em mostrar dados de pesquisas do que em questioná-los. Essas reflexões através da escrita podem ocorrer quando a narrativa literária mostra que o sonho da terra boa e fértil motivado pela Marcha para o Oeste vira ilusão. No diálogo entre João Maria e Agripino, nota-se o sentimento de ter sido enganado quanto às reais características do local:

- Sim, eu sabia que a gente ia chegá numa terra virge. Que ia tê de desmatá, destoca, essas coisa, mas acontece que aqui a terra é muito fraca, moço. O senhor sai por aí deitando a mata com os machado, abrindo com facão, criando calo e tudo, pra depois vê que é só areia, sô. É um solo muito arenoso (PINTO, 1998: 29).

As dificuldades e entraves que poderiam ocorrer no novo chão não eram reportadas aos aventureiros que não faziam ideia de como seria a qualidade da terra que encontrariam para cultivar. O que se ouvia era propaganda de terra boa e barata, com uma oportunidade fácil de prosperar financeiramente, pois havia a urgência de resolver os problemas agrários no sul do país.

Ao realizar a reconfiguração da história de colonização dessa região do país, a narrativa ficcional escancara as falhas deste processo de ocupação, e permite confrontar o discurso histórico produzido pelos historiadores. Segundo Chartier (2009: 18), a “instituição histórica” se organiza segundo hierarquias e convenções que traçam as fronteiras entre os objetos históricos legítimos e os que não o são e, portanto, são excluídos e censurados.” Assim sendo, os conhecimentos gerados pela história dão apenas uma parte do enfoque da relação da sociedade com o passado, levando em conta os interesses pelos quais estão sendo pesquisados e relatados. Entretanto, “as obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que as que estabelecem os livros de história” (CHARTIER, 2009: 21). Desta forma, a obra literária é capaz de registrar fatos e personagens históricos e apresentar situações reais ou como se fossem reais, sem obedecer à construção ideológica que a linguagem histórica carrega, ao mesmo tempo que possibilita mostrar a versão dos excluídos, que ficaram à margem da história oficial.

O diálogo com a história acontece, por exemplo, no encontro com o caminhoneiro. Eleutério se reporta ao passado, ao período que serviu no exército em Porto Alegre. O narrador realiza um corte no seu discurso para explicar a situação política daquela época, trazendo para a narrativa a figura de Getúlio Vargas:

- Foi em trinta e quatro.
- Eu tinha dois anos.

Depois de abafado o período revolucionário, o pai dos pobres reinava com sua política extensionista. O Brasil estava mudado. Não havia mais os vícios da República Velha, havia sim novos vícios (PINTO, 1998: 46).

O período getulista vem questionado pela narrativa literária quando o narrador deixa transparecer sua opinião no que concerne ao passado político, duvidando da transparência da política governamental quando utiliza a expressão “abafado o período revolucionário”, além de ironizar ao dizer que “não havia mais os vícios da Velha República”, mas “novos vícios”. Nesse sentido, Umberto Eco, citado por Linda Hutcheon (1991: 124), afirma que a resposta pós-moderna ao moderno consiste em reconhecer que o passado, como não pode ser realmente destruído, porque sua destruição conduz ao silêncio, precisa ser reavaliado: mas com ironia, não com inocência. É este o percurso da obra aqui analisada, pois o passado não é apagado nem recordado com nostalgia ou inocência; pelo contrário, os eventos são escancarados, podendo proporcionar novos sentidos aos fatos historicamente narrados.

Matrinchã do Teles Pires (1998) chama a atenção para a questão agrária através do processo de colonização do norte mato-grossense na década de setenta. Com a política governamental de ocupação da Amazônia, formou-se um movimento migratório por uma busca de terra no estado, tendo sido expulsos da região sul e agora conduzidos à terra prometida por colonizadores modernos. Quando o narrador diz que “a concentração da propriedade passava a ser a tônica do desenvolvimento”, reportamo-nos às pesquisas de Souza (2017: 98), em que afirma que a política de colonização “atraiu o “interesse” de grandes grupos nacionais e internacionais, principalmente, pelos incentivos fiscais e creditícios concedidos pelo Governo Brasileiro para “viabilizar” a ocupação da Amazônia.” Desta forma, os migrantes que se dirigiram para a região levaram consigo projetos de uma vida com fartura a partir da exploração e concentração da terra e, assim, alavancar o “progresso”:

Todos sabemos que ninguém sai da sua terra se tem condições de procriar e sustentar sua gente. Pequenos estabelecimentos agrícolas desapareciam no sul do país. A concentração da propriedade passava a ser a tônica do desenvolvimento. Terras a preços irrisórios eram o atrativo. Aqueles milhares de colonos que seguiram o cheiro da terra barata, reproduziam na Amazônia a sua cultura campeira. O mate, cevado ao sabor dos quarenta graus centígrados acompanhava o charque gordo da Campanha, importado por comerciantes locais. A paisagem reproduzia nas coivaras o ícone da devastação. A cultura predatória do fazendeiro de gado, parceiro das multinacionais da poderosa química (PINTO, 1998: 76).

Matrinchã do Teles Pires (1998) representa, pela ficção, o passado histórico das cidades da região norte do estado de Mato Grosso, colonizadas por migrantes oriundos da região Sul do Brasil que reproduziam na nova terra as ações de exploração ambiental já efetuadas nas suas terras de origem. Na frase “A paisagem reproduzia nas coivaras o ícone da devastação”, o narrador apresenta uma prática comum na região quando da época da colonização. As queimadas transformavam a mata virgem em ruas, avenidas ou fazendas, e uma modernidade predatória

norteava o desenvolvimento da região e a vida dos moradores, incentivada pelos grupos colonizadores. Estes colonizadores modernos colaboraram para a construção do espaço das cidades e da organização da vida das pessoas, num discurso de exaltação do trabalho e da ordem para que, assim, o projeto de ocupação da fronteira realmente obtivesse sucesso.

Matrinchã do Teles Pires (1998) apresenta um emaranhado de referências históricas em sua estrutura de romance, proporcionando uma viagem de volta ao passado, além de alertar que a consciência opera como fundamento sobre a realidade exterior e concebe “a história como uma progressiva libertação da consciência daquilo que a determina ou aliena.” (PAZ, 1982: 268). Seu caráter ficcional cria uma relação com o passado principalmente daqueles que viveram na região norte do estado de Mato Grosso na década de setenta e/ou ainda hoje. A obra traz descrições intensas que reconfiguram a história da região:

Estatuto da terra como desculpa para a reforma agrária, colonização para se contrapor. Balelas criadas somente para justificar os quadrados burros que se espalhavam como grandes clareiras na mata. Terras devolutas distribuídas aos filhos da p... que semeavam o progresso próprio. Motosserras abrindo brocas, enquanto crianças urinavam sangue ao lado de abortivas mulheres, suando frio. Latas contaminadas espalhadas por todos os cantos. Urubus feito carniça, do Rio Grande ao Guaporé (PINTO, 1998: 75).

A narrativa traz para à discussão a colonização da Amazônia como uma alternativa para a necessidade de uma reforma agrária no Brasil. Mesmo com a criação do Estatuto da Terra pelo governo militar, de acordo com Souza (2017: 97), “a legislação agrária mais progressiva que o Brasil já teve”, a população não teve uma participação efetiva nesse processo, até porque, isso não seria do interesse de um estado autoritário. Assim, a narrativa vem questionando a ação das colonizadoras que se utilizaram do mito do eldorado como instrumento de poder e dominação, arrastando milhares de produtores rurais em busca de terras. O paraíso sonhado pelos migrantes é desconstruído a partir da ação coordenada desses grupos que mantêm seus próprios interesses em detrimento das necessidades do povo. O desmatamento, as queimadas, o uso indiscriminado de agrotóxicos e a indiferença aos danos à saúde das crianças e mulheres pintam uma cena apocalíptica da realidade, transformando o paraíso sonhado pelos migrantes num verdadeiro caos.

Nesse diálogo entre ficção e realidade, um quebra-cabeças da história do Brasil vai sendo montado no decorrer da leitura. A história oficial que se conhece vai sendo confrontada pelo narrador:

As migrações internas podem ser consideradas como o grande fato do Brasil moderno. Submetendo ou exterminando gerações autóctones, os colonizadores – com boas intenções para o bem próprio – rechearam-se de tratores, machados e motosserras, dizimando o excedente populacional (PINTO, 1998: 75).

A figura dos heróis pioneiros que corajosamente adentraram a mata para implantar o progresso vai sendo desconstruída a partir de uma nova perspectiva: a versão daqueles que

foram expulsos do território ou simplesmente dizimados, a exemplo do que ocorreu com a colonização portuguesa no Brasil, séculos antes, colocando os interesses do colonizador acima de tudo a ponto de eliminar o que ou quem pudesse atrapalhar o projeto.

Atrelada à ocupação da Amazônia na década de setenta, a Coluna Prestes e a Era Vargas ganham novos sentidos no decorrer da narrativa. Getúlio Vargas é apresentado como um mito popular pela visão de Eleutério e pela consagração popular, na medida em que é aproximado da instância do sagrado: “Quando eu servi, Getúlio Vargas era quase Deus; era Deus” (PINTO, 1998: 46). As ideias nacionalistas de Getúlio Vargas disseminadas durante o Estado Novo continuariam se refletindo no período do regime militar, dando continuidade ao processo de integração nacional que deveria espalhar o progresso pelo país, o qual seria responsável pela criação da cidade de *Matrinchã do Teles Pires*: “Nesse período, os cafés efervesciam e o Estado Novo esparramava seu nacionalismo, desde a mais tenra idade. Finda a política café-com-leite, o desenvolvimento parecia espalhar-se. Falava-se de integração nacional” (PINTO, 1998: 47). A imagem de unanimidade na veneração ao governo getulista por suas ações progressistas é quebrada quando as memórias de infância de Getúlio, o caminhoneiro, trazem a Coluna Prestes contrapondo-se ao sistema de governo ditatorial: O “Cavaleiro da Esperança” [...] lutava “contra o governo de Getúlio Vargas [...]” (PINTO, 1998: 52-53).

O desenvolvimento da narrativa permite olhar para as personagens reais e fictícias, e pensar sobre a história de colonização da região amazônica que “poderia expressar tanto o domínio do homem sobre a natureza – que se traduz em cultura – quanto o conflito, a ambição e o desejo de um vir-a-ser sem fim da espécie humana.” (PESAVENTO, 2002: 7). Nesse sentido, a narrativa aborda o sentido mítico da criação humana na história da ocupação e criação das cidades no norte de Mato Grosso, representado pela cidade fictícia de *Matrinchã do Teles Pires*, pois assim como a construção da Torre de Babel bíblica, também se faz como uma edificação coletiva dos homens, transformando-se em centro de conflito de poder, que vem a ser repensado “para que possamos organizar nosso conhecimento cultural e nossos procedimentos críticos” (HUTCHEON, 1991: 32). De acordo com Pesavento (2002: 7), “o nascimento da cidade nos chega de forma mítica, com apoio no texto sagrado e na imagem que nele se inspira. Um discurso e uma imagem que nos chegam como representação de uma criação do homem.” Assim como Deus criou o homem do barro de acordo com as sagradas escrituras, este, para igualar-se a Deus, faz as cidades do mesmo material, levantando-as o mais alto possível para se aproximar do céu. O mito de Babel inspira os domínios do homem sobre a natureza e desdobra a urbe em diversos significados. Assim como Babel, *Matrinchã do Teles Pires* e todas as cidades são obras coletivas. E é sobre esse coletivo que recai os castigos divinos, já que tudo se iniciou com Caim que, desobedecendo as leis de Deus, estabelece suas próprias leis ao submeter a natureza. Então, a cidade vista como o “lugar do homem” se presta ao longo da história a ser o local visível das marcas da ação social, representadas pela literatura, numa relação entre ficção e realidade como sendo o centro de conflito:

O confronto entre os dogmáticos senhorios parecia iminente. A população, extremamente dividida, tomara partido de acordo com seus credos e/ou posição social. Nas ruas, grupinhos conversavam ao pé do ouvido. Ao mesmo tempo em que os nativistas procuravam manter suas tradições, preocupavam-se com os caciques. Matrinchã deslanchava em busca de autonomia. Em breve, teríamos eleições e a benção das igrejas poderia fazer a diferença (PINTO, 1998: 73).

No excerto acima, podemos fazer uma relação com Babel, que nascera comprometida em seus alicerces devido aos conflitos e violência. *Matrinchã do Teles Pires* também fora construída em contexto de exploração, violências e conflitos. Esses conflitos gerados em torno do poder são evidenciados em épocas de eleição, pois os diferentes grupos sociais como indígenas, comerciantes, empresários, agricultores, madeireiros, trabalhadores lutam por seus interesses. No entanto, pode-se observar que a manipulação de opiniões também se faz presente, principalmente quando se toma o nome de Deus para justificar atitudes e ações, tornando as igrejas como importante ferramenta de aval e convencimento.

Matrinchã do Teles Pires lança um olhar para os moldes em que a sociedade local foi alicerçada e estruturada, permitindo que a história regional seja reinterpretada e reavaliada. A narrativa transita entre tempos, espaços e textos vários, e as personagens são as responsáveis pelos deslocamentos temporais e espaciais por meio das analepses de memória, deixando as marcas da contemporaneidade nesta busca de sentidos. A releitura do passado provoca o leitor a pesquisar fontes e refletir sobre o que fora construído a respeito dos fatos apresentados.

Pode-se concluir que Luiz Renato, em *Matrinchã do Teles Pires*, reconfigura o processo de transformação do estado de Mato Grosso durante o regime militar, pautado na migração dos sulistas e em suas motivações para a investida errante. A narrativa se apropria de fatos históricos e os mistura com os ficcionais, num movimento que transforma tudo em ficção. Desta forma, partindo do mito da terra prometida, é possível fazer uma revisitação ao passado, no sentido de refletir sobre a história e sobre os encaminhamentos econômicos que norteiam as ações políticas. Nesse sentido, a obra permite que se analise a colonização do norte mato-grossense e as políticas públicas que incentivaram e facilitaram a integração da fronteira com o restante do país, num processo que visava resolver os problemas de distribuição de terras e dificuldades econômicas durante o Estado Novo e posteriormente durante o regime militar. Assim, a literatura produzida em Mato Grosso, além de apresentar traços regionais, como as características da sociedade local, cultural, política e ambiental, também apresenta os aspectos universais, no sentido de que a região faz parte da nação, e seu desenvolvimento histórico está interligado aos processos sociais, políticos e econômicos de todo o país.

Desta forma, o romance *Matrinchã do Teles Pires* (1998) constitui-se como uma importante possibilidade de crítica e reflexão não apenas sobre a cultura e formação do povo mato-grossense, mas também da história do Brasil pelos excluídos, daqueles que não tiveram vez nem voz incluídas na história oficial, mas que, através da arte literária de Luiz Renato, compõem sua obra ficcional, contradizendo a moderna pedagogia do opressor.

Referências

- AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2007.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- LEITE, Mário Cezar Silva Leite. *Literatura, vanguarda e identidades: nas brenhas do regionalismo*. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2015.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas cidades, Editora 34, 2000.
- OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. *A geografia das lutas no campo*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: Visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.
- PINTO, Luiz Renato de Souza. *Matrinchã do Teles Pires*. Cuiabá: Entrelinhas, 1998.
- SANTOS, Luiz Erardi F. *Raízes da História de Sinop*. Sinop: Luiz Erardi F. Santos, 2011.
- SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. *Mito, lenda e história em 'Matrinchã do Teles Pires': a construção do terreno ficcional*. 2002. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Teoria literária). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *Câmpus* de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2002. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99132/santos_lao_me_sjrp.pdf?sequence=1. Acesso em: 20 jun. 2020.
- SOUZA, Edison Antônio de. Reflexões acerca da história de Sinop: imigração e fronteira agrícola. *Revista História e diversidade*. Cáceres-MT, v. 9, n. 1, p. 96-109, 2017. Disponível em: < <https://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade/article/view/2749> Acesso em: 03 abr. 2020.
- _____. *Sinop: História, imagens e relatos. Um estudo sobre sua colonização*. Cuiabá: Instituto De Ciências Humanas e Sociais, 2004.

Submetido em: 24/08/2020
Aprovado em: 29/11/2020